

EDITORIAL

Todos sabem que fazer algo cultural em nossa terra não é uma tarefa fácil. No entanto aqui estamos nós de novo, com mais número de nosso informativo virtual.

Neste número, contamos com a preciosa participação de Flaviano Menezes, que escreve um amplo perfil biobibliográfico de Ubiratan Teixeira e que mostra ao público algumas das muitas qualidades desse octogenário que sabe manusear as palavras com grande habilidade.

Felipe Silva Costa assina um interessante ensaio no qual traça o perfil de um elemento muito citado na literatura, porém quase nunca estudado: a barata. Usando o método comparativo, o estudante de Letras culmina seu texto com a análise de um livro de autoria do maranhense José Ewerton Neto.

Outro nome lembrado neste número é o do juiz e poeta Weliton Carvalho, poeta vigoroso que recentemente foi eleito para a Academia Imperatrizense de Letras.

Temos também neste volume a poesia de Sotero dos Reis, na qual o leitor mais atento irá encontrar logo a presença intertextual de Camões. Tanto pela temática quanto pela forma.

Até o próximo número!

PARA AGENDAR

V FEIRA DO LIVRO DE SÃO LUÍS

De 25 de novembro a 04 de dezembro — na Praça Maria Aragão

Com um pouco de atraso está de volta o maior evento literário de nossa Ilha.

Nesta Edição, o patrono da Feira é o poeta José Chagas, mas há também outros homenageados, como a professora e escritora Sonia Almeida, o historia-



do Mario Meireles, o escritor, ator e dramaturgo Aldo Leite e o compositor João do Vale.

Vale a pena conferir!

PERFIL LITERÁRIO: UBIRATAN TEIXEIRA

Por Flaviano Menezes

Ubiratan Teixeira nasceu em São Luís, no dia 14 de outubro de 1931. Começou a ganhar a vida como fotógrafo e depois telegrafista no Jornal do Povo e é hoje considerado um dos mais antigos cronistas vivos de São Luís. Daqueles cronistas maranhenses que sabe retratar a maranhensidade que o rodeia e que o envolve da forma mais pessoal possível; projetando-se contra aqueles que a destroem (ou a deixam perecer) e a favor dos que a enamoram, Teixeira ainda é um cronista que vive e desabafa sua cidade. Não por menos, é considerado genioso e mordazmente irônico, principalmente quando o assunto é política, ou especificamente, a história sociopolítica do Brasil: *“A pior coisa que houve na história deste país foi o Brasil ser colonizado pela escória portuguesa. Porque não foram os nobres portugueses que vieram para cá. Foi a escória portuguesa. Os colonizadores que chegaram aos Estados Unidos, por exemplo, levaram suas famílias, alguns até mesmo sobraçando as suas Bíblias. E isso foi importante.*

Mas para o Brasil mandaram um bando de degredados, e sem mulheres. Por isso começou a sacanagem com as índias, coitadas, sem-vergonhas que só elas, e depois a sacanagem passou a ser feita com as pretas. Então, esses portugueses eram homens sem caráter, sem moral e acabou ficando essa esculbambação toda, porque foi assim que nasceu o Brasil”, ironizava o cronista em 2006 no Suplemento Guerra Errante (Ano IV, Nº 110).

Ubiratan Teixeira nasceu em São Luís, no dia 14 de outubro de 1931. Começou a ganhar a vida como fotógrafo e depois telegrafista no Jornal do Povo e é hoje considerado um dos mais antigos

cronistas vivos de São Luís. Daqueles cronistas maranhenses que sabe retratar a maranhensidade que o rodeia e que o envolve da forma mais pessoal possível; projetando-se contra aqueles que a destroem (ou a deixam perecer) e a favor dos que a enamoram, Teixeira ainda é um cronista que vive e desabafa sua cidade. Não por menos, é considerado genioso e mordazmente irônico, principalmente quando o assunto é política, ou especificamente, a história sociopolítica do Brasil: *“A pior coisa que houve na história deste país foi o Brasil ser colonizado pela escória portuguesa. Porque não foram os nobres portugueses que vieram para cá. Foi a escória portuguesa. Os colonizadores que chegaram aos Estados Unidos, por exemplo, levaram suas famílias, alguns até mesmo sobraçando as suas Bíblias. E isso foi importante. Mas para o Brasil mandaram um bando de degredados, e sem mulheres. Por isso começou a sacanagem com as índias, coitadas, sem-vergonhas que só elas, e depois a sacanagem passou a ser feita com as pretas. Então, esses portugueses eram homens sem caráter, sem moral e acabou ficando essa esculbambação toda, porque foi assim que nasceu o Brasil”*, ironizava o cronista em 2006 no Suplemento Guerra Errante (Ano IV, Nº 110).

Ao completar 80 anos de vida Ubiratan Teixeira lança *Diário de Campo* (Ética Editora, 2010) e reafirma seu amor filial por sua São Luís Magnética como podemos observar na sua mais recente crônica publicada no jornal O Estado do Maranhão. Parabéns Ubiratan Teixeira, parabéns pela sua produtiva existência.

Este texto foi inicialmente publicado no site www..maranharte.blogspot.com e foi gentilmente cedido por seu autor



1970 – Pequeno Dicionário de Teatro. São Luís: Departamento de Cultura do Estado do Maranhão.

1975 – Sol dos Navegantes (contos). São Luís: FUNC.

1978 – Histórias de Amar e Morrer (contos). São Luís: SIOGE.

1979 – Vela ao Crucificado (novela). São Luís: SIOGE.

1980 – Caminho sem Tempo (farsa/tragédia/musical). São Luís: SECMA/SIOGE.

1987 – Bento e o Boi (teatro). São Luís: SIOGE.

1989 – O Banquete (novela). São Luís: SIOGE.

1989 – O Teatro que eu Vi e o Espetáculo que eu Fiz (ensaio). São Luís: Academia Maranhense de Letras.

1992 – Búli-búli (teatro infantil). São Luís: Academia Maranhense de letras.

1998 – Pessoas (conto). São Luís: FUNC.

1998 – A Ilha (novela). São Luís: FUNC.

2005 – Dicionário de Teatro (reedição). São Luís: GEA.

2009 – Labirinto (romance). São Luís: Editorial SECMA.

2010 – Vela ao Crucificado (reedição acrescida de roteiro para teatro de Wilson Martins e para cinema de Frederico Machado). São Luís: SECMA.

2010 – Diário de Campo (crônicas). São Luís: Ética Editora.

Tem as seguintes obras inéditas: O Bequimão (teatro), O Alçapão da Ilha (romance) e O Sônio (novela).

Ao longo da sua carreira recebeu os prêmios:

1976 – Prêmio Academia Maranhense de Letras pela novela O Sonho.

1978 – Prêmio Domingos Barbosa da Academia Maranhense de Letras pelos contos Histórias de Amar e de Morrer.

1979 – Prêmio Arthur Azevedo do Concurso Literário e Artístico Cidade de São Luís pela obra Caminho sem Tempo.

1997 – Prêmio Graça Aranha do XXIII Concurso Literário e Artístico Cidade de São Luís pela novela A Ilha.

2009 – Prêmio Gonçalves Dias do Plano Editorial da SECMA pelo romance Labirinto

Por Felipe Silva Costa*

A barata um inseto pequeno sem valor e aparentemente sem nem uma finalidade na fauna, isto visto por nós seres humanos o que nos remete até a um paralelismo visto que um inseto tão pequeno simples pode sobreviver a tantas eras por qual a terra passou, mantendo sua aparência tal qual fora outrora. E também a sua figura na literatura como simbologia.

“- a resistência pacífica. Eu sabia que baratas resistem a mais de um mês sem alimento ou água. E que até de madeira faziam substância nutritiva aproveitável... quando o mundo era quase nu elas já o cobriam vagarosamente”. (A paixão segundo G. H., página47).

Nesta obra a barata tem a função de provoca a epifania que para Lispector não precisa ser um acontecimento complexo, mas sim situações cotidianas, do dia-a-dia que causam desequilíbrio nos personagens.

Com Kafka temos também a fabulosa figura da barata em A metamorfose, nesta obra Gregor Samsa acorda um dia transformado em barata, ele que antes provia sua família e conseqüentemente a casa agora neste estado se torna um fardo sem falar da vergonha que todos sentiam dele. Existe várias interpretação nesta obra de Kafka o porquê dessa metamorfose em uma barata dentre as quais podemos citar: que seria uma “resposta” a sua família por está “escorada” nele; estaria ele cansado, enfadado de sua vida; as relações de interesses em que os homens mantêm com os demais, a despreocupação das pessoas com ele, enfim pela complexidade da obra deixa espaço para diversas interpretações.

Numa manhã, ao despertar de sonhos inquietantes, Gregório Samsa deu por si na cama transformado num gigantesco inseto. Estava deitado sobre o dorso, tão duro que parecia revestido de metal, e, ao levantar um pouco a cabeça, divisou o arredondado ventre castanho dividido em duros segmentos arqueados, sobre o qual a colcha dificilmente mantinha a posição e estava a ponto de escorregar. Comparadas com o resto do corpo, as inúmeras pernas, que eram miseravelmente finas, agitavam-se desesperadamente diante de seus olhos.(A metamorfose, capítulo I).

No livro: *Ei você conhece o Alexandre Guaracy* de José Ewerthon, onde o autor relatou a inspiração em escrever esta obra que se deu através de uma pergunta feita e ele, se ele conhecia uma determinada pessoa e a chamada no (ei) para despertar no leitor o interesse pelo livro, ou chamando-o.

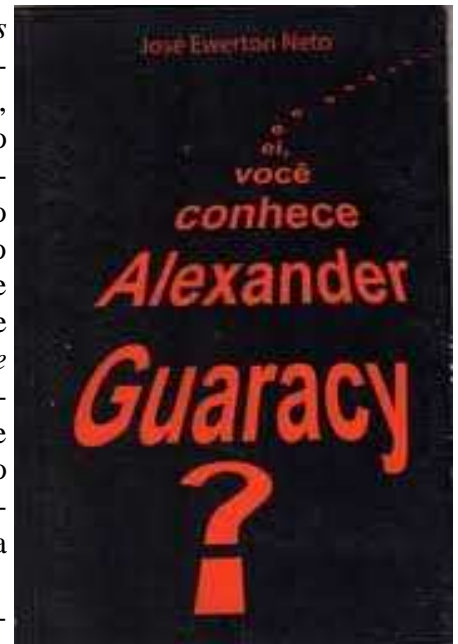
Sua atenção se voltou para um bicho arrastando-se pelo chão. Era uma barata, a mesma que Shirla tentara esmagar. O animal despedaçado, de cujo corpo brotava uma gosma esverdeada, depois de finalmente ter conseguido virar-se, agora arrastava-se pelo chão como se tivesse ressuscitado. Amaro notou como era grande. “Ela tem tanta vontade de viver, a desgraçada!” Sentiu ímpetos de esmagá-la, mas hesitou, enquanto refletia que o deus que nesse momento escrevia as páginas daquele ser tão miserável e que ansiava tanto pela vida, era ele, porque tinha o poder de decidir entre sua vida ou morte.(pág.61)

No livro: *Ei você conhece o Alexandre Guaracy*, de José Ewerton, onde o autor relatou a inspiração em escrever esta obra que se deu através de uma pergunta feita e ele, se ele conhecia uma determinada pessoa e a chamada no (ei) para despertar no leitor o interesse pelo livro, ou chamando-o.



Sua atenção se voltou para um bicho arrastando-se pelo chão. Era uma barata, a mesma que Shirla tentara esmagar. O animal despedaçado, de cujo corpo brotava uma gosma esverdeada, depois de finalmente ter conseguido virar-se, agora arrastava-se pelo chão como se tivesse ressuscitado. Amaro notou como era grande. “Ela tem tanta vontade de viver, a desgraçada!” Sentiu ímpetos de esmagá-la, mas hesitou, enquanto refletia que o deus que nesse momento escrevia as páginas daquele ser tão miserável e que ansiava tanto pela vida, era ele, porque tinha o poder de decidir entre sua vida ou morte.(pág.61)

Vemos a figura da barata, em que Shirla pisa nela, esmagando-a Amaro vê o esforço dela por não morrer fazendo uma reflexão: ela um ser tão pequeno, insignificante lutando para viver enquanto que ele um ser dotado de *logos* (pensamento, palavra, vontades) não consegue reagir da situação a qual se encontra, enquanto que a barata reage pelo instinto em se manter viva. E esta passagem do texto também nos remete a um estranhamento da realidade a qual Amaro estava inserido provocando nele uma análise de sua vida e conseqüentemente uma tomada de atitude “... porque tinha o poder de decidir entre sua vida ou morte”, ou seja, podemos evocar aqui o existencialismo satriano, em que o homem é responsável por si mesmo, tem o livre arbítrio, o homem definidor de sua essência, visto que, para Sartre a existência precede a essência.



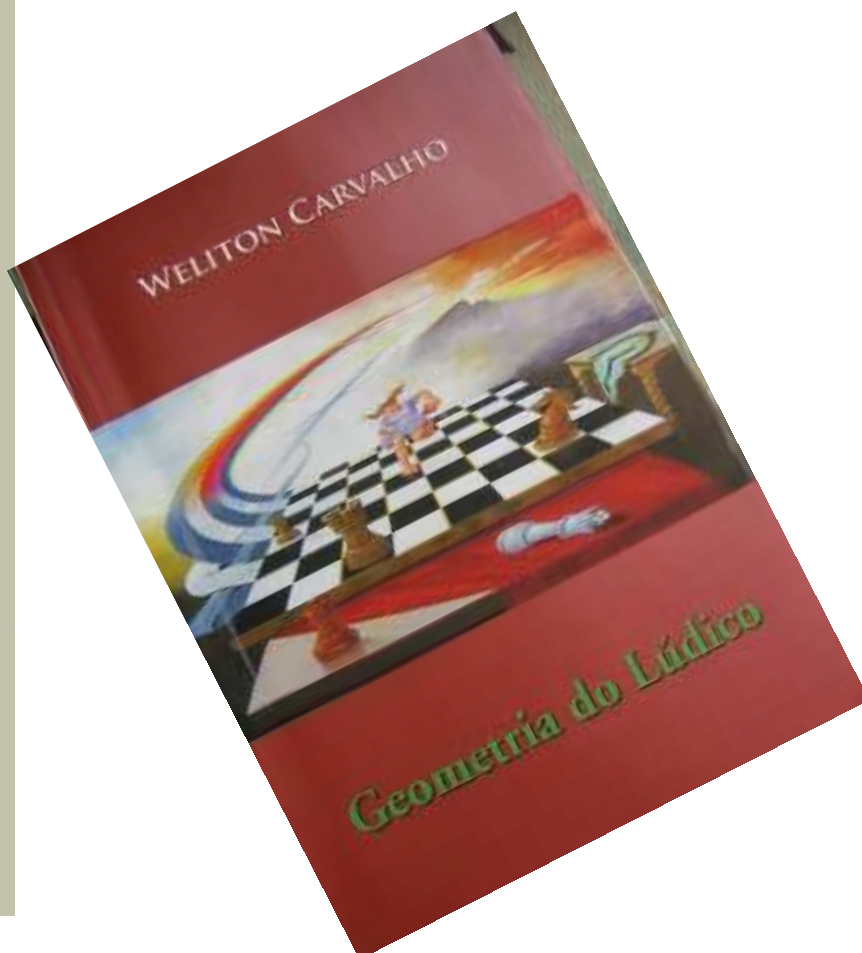
Por fim como sabemos a literatura é um universo repleto de simbologia, até mesmo um inseto pode ter sua significação, representação dentro de uma obra literária. Caso semelhante é o dessas obras vistas por nós, cada uma conforme a intenção do autor em nos dá um significado para a figura da barata em suas obras.

* **Felipe Silva Costa** é aluno do curso de Letras da Faculdade Atenas Maranhense



LIVRO EM DESTAQUE

O ponto alto do livro é “Poesia Sorrindo”, obra na qual o poeta maranhense pasticha e ao mesmo tempo presta grande homenagem a Mário Quintana. Em dezenas de versos sintéticos, Carvalho cria flashes da realidade interior e/ou exterior do ser humano, discutindo de forma bem humorada situações aparentemente comuns, mas que poderiam passar despercebidas por olhos menos atentos. Em versos curtos e carregados de ironia e de suavidade, o poeta trabalha o cotidiano. O celular, por exemplo, hoje um amigo inseparável de muitas pessoas, é redefinido como sendo “um chato de algibeira” (p. 331). Atento a tudo o que o rodeia, no poema Pequena Tragédia, o poeta chama a atenção para algo que se repete dia após dia: “O professor recitando Gonçalves Dias/ e os alunos preocupados com a provinha de literatura” (p. 347). Às vezes, o tom de provocação norteia o poema, como ocorre em Fogo Amigo: “Os homens não reparariam na celulite não fossem tuas amigas” (p. 362). (José Neres)



BALZAQUIANA

O tempo vestiu teu corpo
de madura juventude.

Quadris, coxas e gestos
Se moldaram à serenidade
Do vício, gozo [...], olhares
E de tudo que a vida transborda.

Teus olhos já não ofuscam como o sol,
Mas enfeitiçam como a luz

És, enfim, vulcão em calmaria

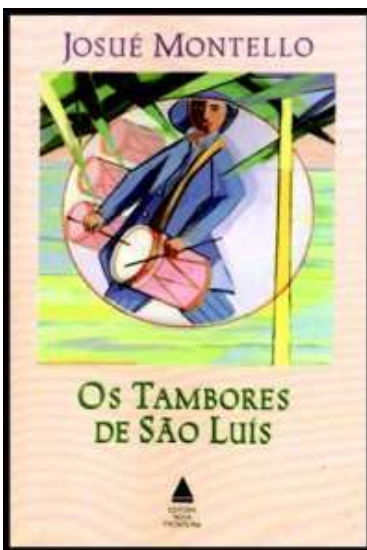
(CARVALHO, Weliton. Geometria do lúdico. São Luís: Sotaque Norte, 2008. p.578)

APERITIVO LITERÁRIO

Nesta seção, iremos destacar parte do primeiro capítulo de algumas obras essenciais da Literatura Maranhense, como uma espécie de degustação literária com a finalidade de despertar o interesse pela leitura integral da obra.

Os Tambores de São Luís

Josué Montello



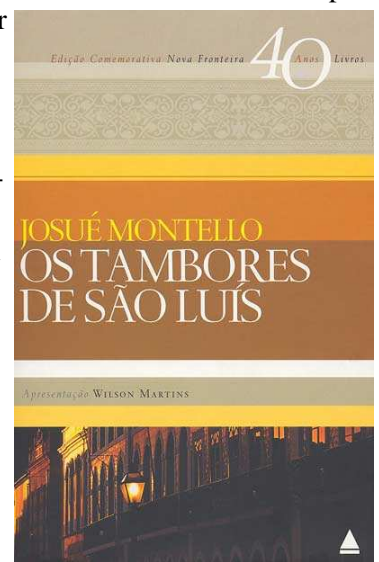
Até ali os tambores da Casa-Grande das Minas tinham seguido seus passos, e ele via ainda os três tamboreiros, no canto esquerdo da varanda, rufando forte os seus instrumentos rituais, com o acompanhamento dos ogãs e das cabaças, enquanto a nochê Andreza Maria deixava cair o xale para os antebraços, recebendo Toi-Zamadone, o dono do lugar.

Por vezes, no seu passo firme pela calçada deserta, deixava de ouvir o tantantã dos tambores, calados de repente no silêncio da noite, com o vento que amainava ou mudava de direção. Daí a pouco Damião tornava a ouvi-los, trazidos por uma rajada mais fresca, e outra vez a imagem da nochê, cercada pelas noviches vestidas de branco, lhe refluía à consciência, magra, direita, porte de rainha, a cabeça começando a branquear.

Fora ela que viera buscá-lo, à entrada do querebetã. A intenção dele era apenas ouvir um pouco os tambores e olhar as danças, sentado no comprido banco da varanda, de rosto voltado para o terreiro pontilhado de velas. Já o banco estava repleto. Muitas pessoas tinham sentado no chão de terra batida, com as mãos entrelaçadas em redor dos joelhos; outras permaneciam de pé, recostadas contra a parede. Mas a nochê, que o trouxera pela mão, fez cair do banco um dos assistentes, e ele ali se acomodou, em posição realmente privilegiada, podendo ver de perto os tambores tocando e as noviches dançando, por entre o tinir de ferro dos ogãs e o chocalhar das cabaças.

Veza por outra sentia necessidade de ir ali, levado por invencível ansiedade nostálgica, que ele próprio, com toda a agudeza de sua inteligência superior, não saberia definir ou explicar. O certo é que, ouvindo bater os tambores rituais, como que se reintegrava no mundo mágico de sua progênie africana, enquanto se lhe alastrava pela consciência uma sensação nova de paz, que mergulhava na mais profunda essência de seu ser. Dali saía misteriosamente apaziguado, e era mais leve o seu corpo e mais suave o seu dia, qual se voltasse a lhe ser propício o vodum que acompanha na Terra os passos de cada negro.

Embora só houvesse no céu uma fatia de lua nova, por cima da igreja de São Pantaleão, uma tênue claridade violácea descia sobre a cidade adormecida, com a multidão de estrelas que faiscavam na noite de estio. Em cada esquina, a sentinela de um lampião, com seu bico de gás chiante. Todas as casas fechadas. Perto, para os lados da Rua da Inveja, o apressado rolar de um carro, com o ruído do cavalo a galope nas pedras do calçamento. E sempre o baticum dos tambores, ora fugindo, ora voltando, sem perder a cadência frenética, muito mais ligeira que o retinir das ferraduras.



À ESPOSA

**SE LÁ NA ETERNA GLÓRIA A QUE VOASTE,
A LEMBRANÇA DO MUNDO SE CONSENTE,
ACEITA, ALMA PIEDOSA, A DOR PUNGENTE
DE TUDO QUANTO AQUI IDOLATRASTE :**

**O ESPOSO, A FILHA, OS FILHOS QUE DEIXASTE,
EM MÁGOAS E SAUDADE PERMANENTE,
VIVEM NA TERRA VIDA DESCONTENTE
DES' QUE AS CORPÓREAS VESTES TU LARGASTE.**

**AO SEIO DE DEUS, TORNAS RADIANTE
DE VIRTUDE E BONDADE, QUAL SAÍSTE
IMACULADA DE NASCER NO INSTANTE :**

**A NOS QUEIXOSOS NESTE VALE TRISTE
VOLVE-TE COMO FOSTE SEMPRE AMANTE,
PORQUE ENTRE NOS SÓ AMARGURA EXISTE !**

Sotero dos Reis